

RELAÇÕES LÍNGUA SOCIEDADE E CULTURA NA LINGUAGEM POPULAR DO CEARÁ

Maria do Socorro Silva de Aragão¹

Resumo

Este trabalho faz rápidas considerações teóricas sobre Dialetologia e Sociolinguística, sobre variação diatópica ou regional e diastrática ou social, no nível do léxico, mostra as relações entre léxico, sociedade e cultura, aplicando tais conceitos a exemplos de linguagem regional popular do Ceará.

Palavras-chave: Língua. sociedade. cultura. falar regional-popular.

Abstract

This paper does rapidly theoretic considerations about Dialectology and Sociolinguistics, about diatopic or regional variation and diastratic or social variation, in lexical level, shows lexicon, society and cultural relationships, applying this concepts to regional and popular languages of Ceará.

Keywords: Language. society. culture. regional-popular language.

Introdução

Os inquéritos experimentais do Atlas Linguístico do Brasil, no Estado do Ceará, têm mostrado uma variação léxica das mais importantes, que pode marcar, além de uma variação diatópica, uma variação diastrática do falar regional deste Estado.

Tais resultados, embora muito preliminares, confirmam o que já vem sendo analisado por diversos trabalhos, de

autores cearenses, sobre o léxico regional-popular.

Cerca de uma dezena de dicionários, vocabulários e glossários sobre o cearáns apareceram na última década e, especialmente, nos últimos dois anos, mostrando as variações lexicais, que, em alguns casos não são apenas do Ceará, mas de todo o nordeste. Análise das obras de Patativa do Assaré e de Oliveira Paiva, em seu trabalho “Dona Guidinha do Poço”, também mostram a riqueza dessa área de estudo sobre o falar cearense.

1. As Relações Entre a Dialetologia e a Sociolinguística

A descrição da língua portuguesa em suas variantes diatópicas e diastráticas, nos vários níveis de análise linguística, desde o fonético-fonológico ao léxico, ao morfosintático e ao semântico, é tarefa das mais importantes e das mais urgentes, para que se tenha um retrato fiel da língua portuguesa falada e escrita em nosso país.

Ao estudarmos os falares regionais, especialmente nos estados nordestinos e ao estabelecermos as discussões sobre Dialetologia e Sociolinguística, surge sempre a questão que diz respeito ao tipo de variação que ocorre, se as variações nos vários níveis linguísticos são, realmente, regionais, dialetais, em seu sentido específico ou se elas são, também, sociais ou sociolinguísticas.

Os falares do nordeste do Brasil apresentam variações significativas quanto às sub-regiões a que pertencem e quanto aos níveis socioculturais de seus falantes.

Partindo-se do pressuposto de que a língua é um todo homogêneo, composto de partes heterogêneas que, reunidas, constituem a estrutura desse todo, chega-se à constatação de que o princípio da variedade na unidade é

¹ Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo. Professora da Universidade Federal do Ceará – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Professora da Universidade Federal da Paraíba – Programa de Pós-Graduação em Letras.

uma realidade que não se pode desconhecer.

Os avançados estudos dialetológicos e sociolinguísticos têm mostrado o quanto o conhecimento dessas variações pode ajudar num maior aprofundamento das análises linguísticas e no melhor conhecimento das línguas.

Contudo, esse desenvolvimento da dialetologia e da sociolinguística não tem sido bem aplicado no sentido de valorizar as variantes regionais e sociais a nível de escola fundamental, por exemplo, fazendo com que essas variações sejam vistas não como algo exótico, diferente, ou “errado”, em alguns casos, mas como parte do todo que constitui nossa língua. É necessário que se entenda o que muito bem frisou William Labov (1972, cap. 5) “diferença não é deficiência”.

Esses estudos mostram, ainda, uma outra questão, também polêmica, é a de que disciplina pode ser considerada mais ampla: a Dialetologia ou a Sociolinguística. Os defensores da Dialetologia argumentam que ela, ao estudar as variantes regionais, ou diatópicas, estuda, obrigatoriamente, o grupo social que fala aquela variação, tendo assim, que estudar as variações sociais ou diastráticas bem como as estilísticas, ou diafásicas.

Os sociolinguistas, por sua vez, dizem que a base de todos os estudos de variação é sempre o social, que está presente em qualquer tipo de variedade que se estude, já que o homem e o meio em que vive são o princípio de tudo.

Complementando e encerrando, no momento, esta discussão, vejamos o que nos diz Hudson sobre Língua, Linguística e Sociolinguística:

A língua tem uma função social, quer como meio de comunicação e também como um meio de identificação de grupos sociais e estudar a fala sem referência à sociedade que a usa é excluir a possibilidade de encontrar explicações sociais para as estruturas que estão sendo usadas. (HUDSON, 1980, p. 43)

Para ele, estudar a língua sem referência à sociedade é por demais pobre e limitante.

Reforçando a importância do estudo da variação linguística, em seus diferentes enfoques, dizem SCARTON e MARQUARDT:

As múltiplas variações observadas no sistema linguístico ocasionadas por fatores vários dão uma ideia multicolorida da língua, realçando seu caráter maleável, diversificado. Tal imagem corresponde a uma realidade evidente e desconhecê-la ou não levá-la em consideração o suficiente, significa ter uma concepção mutilada da língua. (SCARTON e MARQUARDT, 1981, p. 6)

Assim, pode-se observar, a partir dos diferentes estudos em ambas as áreas, que as barreiras entre o dialetal e o sociolinguístico ficam cada vez mais tênues ficando difícil, muitas vezes, dizer onde termina uma e começa a outra. A esse respeito diz FISHMAM (1971, p. 36): «Ce qui constituait une variété régionale à l'origine devient ainsi une variété sociale ou un sociolecte».

2. As Variações Regionais e Sociais

Para analisarmos a variação diatópica, no âmbito da dialetologia e a variação diastrática, no da sociolinguística, é necessário que se defina, rigidamente, ambos os campos de atuação. Assim, a definição de Wardhaugh nos parece clara:

Whereas regional dialects are geographically based, social dialects originate among social groups and depend on a variety of factors, the principal ones apparently being social class, religion, and ethnicity. (WARDHAUGH, 1992, p.46).

Mas, ao analisarmos o problema da variação regional em relação à variação social, muitos problemas e muitas dúvidas surgem quanto aos limites de cada tipo de variação. Onde termina uma e onde começa a outra? Qual a prevalência de uma sobre a outra? são questões que surgem aos primeiros estudos.

Hudson diz que os dialetólogos falam de dialeto social ou socioleto para se referir às diferenças que não sejam regionais, acrescentando que:

Because of these factors, a speaker may show more similarity in his language to people from the same social group in a different area than to people from a different social group in the same area. (HUDSON, 1980, p. 43)

Para Chambers e Trudgill (1980, p. 54) não pode haver dialeto social sem o regional pois todos os falantes têm uma background social mas têm, também, uma localização regional. Em suas palavras: “All dialects are both regional and social, since all speakers have a social background as well as a regional location”. (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 54).

Ao tratar das relações entre dialetologia e sociolinguística e, conseqüentemente, de variação diatópica e diastrática, Morales diz que a sociolinguística deve preocupar-se em como duas possibilidades de realização, não marcadas socialmente pela dialetologia, entram em competição no momento em que uma delas começa a converter-se em símbolo de status. Diz ele que:

Lo que las reglas sociolingüísticas describen se explica mediante el análisis de las actitudes hacia ambos fenómenos, de las creencias que las fundamentan y de otros aspectos más - el grado de conciencia lingüística, por ejemplo - que redondean nuestro conocimiento de la presión social sobre el dialecto. (MORALES, 1993, p. 31/32)

Falando sobre o problema da distinção entre variação regional e social, especialmente no que diz respeito à variedade popular, Garmadi (1983) tem uma visão que engloba os dois aspectos. Diz ela:

Conviria, por conseguinte, reservar actualmente a denominação de variedades populares para aquelas que têm uma origem regional comum com as variedades normalizada e veicular, mas que se conservaram à margem da codificação, e que, preservando funções regionais, não participaram no processo de normalização. (GARMADI, 1983, p. 55)

No caso da variação popular a autora chega a dar mais importância ao aspecto geográfico do que ao social, ao contrário do que a maioria dos autores faz. Assim, para ela:

[...] a variedade popular é, por conseguinte, não só uma variedade geográfica como também uma variedade social, pelo menos na origem.[...] uma vez que [...] a variedade popular só existe em situações verdadeiramente unilíngues integrando-se, tanto pela história como pelo jogo dos registos em sincronia, no sistema de variedades que constitui a chamada língua comum. (GARMADI, 1983, p. 56)

Outro tipo de variante social diz respeito não apenas ao falante: idade, sexo, profissão e grau de escolaridade, mas o que está ligado diretamente à situação ou contexto linguístico ou extralinguístico em que ocorre o ato de fala. São os registos, também chamados de estilos, que vão determinar as variantes estilísticas ou diafásicas que, como veremos mais adiante no nosso *corpus*, vão distinguir a linguagem erudita da popular no caso dos exemplos retirados de *Dona Guidinha do Poço*.

Na obra, escrita em linguagem erudita, o autor usa linguagem regional/popular quando o personagem é de classe menos escolarizada. Nesse caso, a variante é de que tipo: diatópica, diastrática ou diafásica?

3. As Variações Lexicais

Todos aqueles que se preocupam com o estudo do léxico sabem da importância e da dificuldade de se tratar do problema do léxico regional / popular. Tal dificuldade decorre da própria definição do que seja léxico regional/popular por envolver tal assunto dois níveis de análise, o dialetal e o sociolinguístico, além de ser de inventário aberto, sendo criado e modificado de acordo com as necessidades de seus usuários. Concordamos com Oliveira quando afirma que:

Toda esta dinamicidade da língua é evidenciada, sobretudo, no léxico, nível linguístico que melhor expressa a mobilidade das estruturas sociais, a maneira como uma sociedade vê e representa o mundo. (OLIVEIRA (1998, p. 108)

O Brasil é tido como um país-continente, com diferenças regionais e socioculturais imensas e, por isso mesmo, a língua portuguesa, em nosso país, apresenta uma diversidade bastante significativa, tanto regional quanto social, especialmente em relação ao léxico. Essa diversidade muitas vezes é característica de um estado específico, outras vezes se estende para toda uma região.

Ao analisar as variantes lexicais, objeto deste trabalho, alguns autores consideram que, dentre as variantes linguísticas, esta é a mais complexa uma vez que envolve problemas semânticos de difícil determinação. Sankoff diz que:

[...] fenômenos como la sinonímia, los significados sobrepuestos, la especificidad versus la generalidad

o referentes que son marginales o están en la frontera de dos dominios semánticos pueden todos llevar a consideraciones probabilísticas del lexicon. (SANKOFF, 1972, p. 105)

Já Wardhaugh (1992) ao tratar do registro, do ponto de vista léxico, mostra que eles são: [...]sets of vocabulary items associated with discrete occupational or social groups. (WARDHAUGH, 1992, p. 49), afirmando que o registro é independente do dialeto (ou forma regional), estando intimamente ligado à categoria sociocultural do falante. Ou seja, no caso dos informantes e autores por nós analisados, o que está marcado é o registro popular, não padrão, relacionado ao seu status social e não à marca da região onde eles nasceram e vivem.

4. As Relações entre Léxico, Sociedade e Cultura

Ao se estudar a língua, os contextos socioculturais em que ela ocorre são elementos básicos, e, muitas vezes, determinantes de suas variações, explicando e justificando fatos que apenas linguisticamente seriam difíceis ou até impossíveis de serem determinados.

No caso específico do léxico, esta afirmação é ainda mais verdadeira pois, toda a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades humanas são refletidos em seu léxico.

Segundo Barbosa (1992):

[...] o léxico representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores. (BARBOSA, 1992, p. 1)

Para se apreender, compreender, descrever e explicar a “visão de mundo” de um grupo sócio-linguístico-cultural, o objeto de estudo principal são as unidades lexicais e suas relações em contextos.

Para Biderman (1978, p.139) “O universo semântico se estrutura em dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o Léxico”.

O léxico enquanto descrição de uma cultura, está no seio mesmo da sociedade, reflete a ideologia dominante mas, também, as lutas e tendências dessa sociedade.

Os itens lexicais aqui estudados poderão mostrar a diversidade de visões de mundo e como cada região elabora lexicalmente esse universo.

5. Marcas Regionais e Populares no Léxico Cearense

Elaborar dicionários, glossários ou vocabulários regionais populares não é tarefa das mais simples uma vez que o próprio sentido do que é regional e do que é popular é motivo de controvérsias entre os especialistas da área.

Biderman afirma ser bastante complexo definir o que é regionalismo, uma vez que os próprios dicionaristas, de dicionários ditos eruditos “são lacônicos e até contraditórios no tratamento desta matéria e formulam um conceito incompleto e inadequado de regionalismo”. (BIDERMAN, 1998, P. 133).

A autora complementa sua argumentação dizendo que:

[...] o conceito de regionalismo remete à questão da norma linguística. Alguns pontos devem ser considerados no enfrentamento desta questão: a) qual o ponto de referência para definir um termo como regional? b) se o vocábulo é regional relativamente a um dialeto padrão, qual é esse dialeto padrão, de qual região? (BIDERMAN, 1998, p.133)

Assim, sem querer entrar em debates sobre o que é ou não regional/popular, para nós o regional é o que tem marca de uma região, a nordestina, por exemplo, ou de um estado, o do Ceará, em nosso *corpus*. Já popular, tem a marca do falar do povo, das pessoas não alfabetizadas, ou pouco alfabetizadas.

As motivações semânticas para o surgimento de neologismos sejam léxicos ou semânticos, bem como as palavras surgidas por modificações fonéticas, muitas vezes confirmam esse falar regional e/ou popular. Vejamos alguns exemplos:

5.1. Exemplos em Dona Guidinha do Poço

O romance Dona Guidinha do Poço, do jornalista e escritor Oliveira Paiva, foi escrito em 1897, mas apenas em 1952 saiu sua versão integral. Narra a história de um crime passionnal quando sua heroína, Dona Guida, senhora rica e orgulhosa, enfrenta os preconceitos da época ao quebrar as tradições por cometer adultério com um sobrinho do marido.

Escrito em linguagem erudita mas usando a linguagem regional popular quando dá voz a personagens da camadas populares, geralmente analfabetos, somente se tornou conhecido em todo o país, a partir da descoberta dos originais feita pela historiadora de Literatura Brasileira, Lúcia Miguel Pereira, sendo sua primeira edição publicada logo a seguir.

Ao falar sobre o autor e a obra Lúcia Miguel diz:

Escritor e criador (...) que soube extrair de um caso verídico uma narrativa intensa, a um tempo objetiva e poética. O seu estilo colorido e oleoso, é uma fusão admirável da língua escrita e da língua falada. (PEREIRA,[s.n.t.])

Os exemplos que vamos analisar são da edição de 1997, da Universidade Federal do Ceará.

Fonfança - fanfarronice, papo. “*Todavia, desculpe-se-lhes a fonfança pela tendência natural que temos todos nós...*” p. 6. Este termo surgiu provavelmente de uma redução fonética de *fanfarronice*, o que lhe deu, além da facilidade de articulação, maior positividade pelo uso dos fomenas

/ o / e pela nasal / n /.

Abastança - fartura. “*Naquele sertão havia por esse tempo muita abastança, por modo que um grande pecúlio não era lá nenhum desses engodos*”. p. 11. Termo já dicionarizado com o mesmo sentido utilizado pelo autor.

Lapear - bater forte, malhar. “*...que voltara a lapear o couro molhado, sentado num pedaço de rochedo...*” p. 16. Termo dicionarizado como brasileirismo do Norte e Nordeste, com sentido semelhante: *cortar com o chicote ou lapo; chicotear; vergastar*.

Gaitar - apitar. “*-Inhora, não. Mó de que esta noite uvi o novio gaitá pra Lagoa?*” p. 21. Termo criado a partir de *gaita* e utilizado com sentido semelhante, de apito, *gaita*.

Capucho - espuma do leite recém-tirado. “*Compadre, despeje esta cuia no pote, e me mande um capucho*.” p. 21. Dicionários de norma padrão registram *capucho* com sentidos diferentes. Nenhum deles faz referência ao sentido utilizado pelo autor.

Degas - termo empregado para designar a própria pessoa que fala. “*- Pois cá o degas não precisa de juizes! Sabe? Cá o degas...*” p. 101. Termo registrado nos dicionários de norma padrão como brasileirismo gírio, porém Aurélio dá, como abonação, exemplo de José de Alencar, escritor cearense.

Dóia - termo usado da mesma forma que *degas*, para designar a terceira pessoa. “*... ao sol que nascia para sua fazenda, imaginação para diante, ali estava o dóia, que era senhor daquilo*”. p. 107. Termo não registrado em dicionários de norma padrão.

Fazer esteira - expressão utilizada quando o vaqueiro segue atrás da rês, tangendo-a. “*São os dois, o que vai cabear e o que faz esteira*”. p. 129. Termo registrado como brasileirismo do Nordeste.

Morixaba - mulher malfadada, prostituta. “*Que estava sendo ela então para todo o Ceará, ara todo o mundo, que a ruim fama corre mais que o pensamento, senão uma morixaba?*” p. 177. Termo registrado em apenas um dos dicionários de termos populares do Ceará.

Cocar - tocar, espionar. “*Tocaiou, cocou, e às 10 horas, bem escuro, se achou a sós com a designada vítima...*” p. 185. Não há registro deste termo em dicionários, sejam regionais, sejam de norma padrão. Parece-nos que foi criado a partir de *cócoras*, *acocorado*, forma nordestina de se ficar quando se está à espreita, escondido.

5.2. Exemplos de Patativa do Assaré

Patativa do Assaré, assim denominado pela comparação que se fez entre ele e uma ave canora típica da região nordestina, especialmente no Cariri, a patativa, foi o nome adotado por Antônio Gonçalves da Silva, maior poeta popular do Ceará e um dos maiores do nordeste. Uma das melhores definições de quem foi Patativa está na contracapa da obra de Gilmar de Carvalho: *Patativa do Assaré*, publicada pela Fundação Demócrito Rocha, em 2000. Diz ele:

Ave Poesia. Agricultor, pobre, sem escola, nascido na pequenina Assaré, interior do Ceará. Ele poderia ser mais um dos tantos Antônios da Silva que trabalham a terra, casam, têm um monte de filhos e morrem sem deixar marcas. Mas, por meio dele, natureza e cultura se unem: Patativa descobriu o poder de reinventar o mundo através das palavras. (CARVALHO, 2000).

Inúmeras são as obras de Patativa, todas utilizando uma linguagem típica da região cearense e nordestina, no seu registro popular, uma vez que o autor também era iletrado, no sentido formal do termo, mas sabia em seus versos, como ninguém, retratar sua região e seu povo.

Alguns exemplos do autor podem nos mostrar o que aqui afirmamos.

Aposento - aposentadoria. Aposentadoria. “*Para fazer seu aposento*”. Forma apocopada de aposentadoria utilizada pelo autor talvez para rimar.

Bolo de fim de feira - insignificante, sem valor. “*Tão pensando que voto é bolo de fim de feira*”. A expressão não está registrada, mesmo em dicionários regionais.

Botar curto - fiscalizar. “*Mamãe, a senhora bote bem curto naquela louro*”. Expressão semelhante a *manter as rédeas curtas*, registrada em dicionários regionais nordestinos.

Comprar cartilha pra outro ler - ser enganado, traído. “*Só porque meu casamento foi triste e foi azalado, foi mesmo que eu ter comprado cartia pra outro ler*”.

Expressão semelhante a *fazer a barba de alguém*, registrada em dicionários regionais do Ceará.

Levada - artimanha. “*Mas ele tem as levadas de um caboco valentão*”.

Palavra registrada em dicionários eruditos porém como adjetivo: *criança levada* é criança travessa, traquinas, cheia de artimanhas.

5.3. Exemplos em Dicionários de Ceará

De alguns anos para cá tem surgido em todo o país, especialmente no Nordeste, uma nova onda de estudos do léxico numa abordagem dialetal e sociolinguística, com a publicação de dicionários, vocabulários e glossários de falares regionais.

No Nordeste, essa tendência atual segue uma tradição começada por Pereira da Costa (1937) com o *Vocabulário pernambucano*; Leon Clerot (1959), com o *Vocabulário de termos populares e gírias da Paraíba*; Raimundo Girão (1967) com o *Vocabulário cearense*; Horácio de Almeida (1979) com o *Dicionário popular paraibano*; Raimundo Nonato (1980) com o *Calepino potiguar - gíria riograndense*; Tomé Cabral (1982) com o *Dicionário de termos e expressões populares*; Leonardo Mota (1982) com o *Adagiário brasileiro* e Florival Seraine (1991) com o *Dicionário de termos populares - registrados no Ceará*.

Uma das marcas desses novos dicionários, vocabulários e glossários é que seus autores não são lexicógrafos ou linguistas. São pessoas com outras formações profissionais: jornalistas, engenheiros, médicos, folcloristas ou pessoas curiosas que resolveram listar e publicar, em forma de dicionário, palavras e expressões populares que, creem eles, são típicas daquele estado específico.

Os exemplos a seguir foram retirados de alguns desses “dicionários”.

Amassar um bombril - ter relações sexuais, transar. Expressão gíria registrada em dicionários de falar cearense.

Biloto - saliência carnosa, verruga, botão. Termo registrado em dicionários de norma padrão, como brasileirismo, sem indicar a região de origem.

Botar boneco - fazer confusão, colocar dificuldade, divertir-se. Expressão popular que nos parece típica do Ceará. Não há registro em dicionários de outras regiões.

Calambote - novelo de linha de empinar arraia, pipa; Termo registrado apenas em um dos dicionários de termos populares do Ceará.

Fanabor - calçado de lona e sola de borracha, tênis. O registro regional deste termo explica seu significado como o uso da marca de calçados de lona e sola de borracha, que pela primeira vez apareceu no Ceará, passando a nomear, a partir dele, todos os calçados daquele tipo.

Fianga - rede pequena, rede velha. Registrado, em dicionários de norma padrão, como brasileirismo do Nordeste, mas na forma *fiango*, com o mesmo sentido.

Macho véi - tratamento amigo, cara, bicho, ô meu. Expressão popular cearense, não registrada em dicionários de norma padrão.

Mucureba - matuto, gente do mato. Não se encontra registrado em dicionários da norma padrão.

Queima gataral! - expressão usada para incentivo, animação, ou quando há briga, confusão numa festa. Indica também garota de programa. Expressão mais ligada à turma jovem, ou boêmia, estando registrado apenas em dicionários populares do Ceará.

Considerações Finais

Ao trabalharmos com a linguagem regional popular do nordeste do Brasil, especialmente dos Estados da Paraíba e do Ceará, aos quais vimos dedicando boa parte de nossos estudos, podemos nos perguntar, como muitos dos colegas dialetólogos e sociolinguistas certamente também o fazem: o que é regional, o que é popular, o que é criatividade não só de autores, mas do povo em geral, ao utilizar sua linguagem para se comunicar, para se expressar, para afirmação do eu ou como função estética?

As respostas a estas questões são, muitas vezes, difíceis, senão ambíguas, pois o homem usa sua linguagem com todas estas funções, intercalando-as, mesclando-as, dando maior ênfase ora a uma, ora a outra, mas sempre com o objetivo final de cooptar, de manipular, de seduzir, seu leitor/ouvinte para o que está escrevendo ou dizendo.

Nos exemplos aqui mostrados temos casos de neologismos léxicos e semânticos, de surgimento de novos termos a partir de modificações fonéticas, além do uso de termos já registrados em dicionários da norma padrão mas com sentido diferente e termos encontrados apenas nos dicionários regionais populares do Ceará.

Seriam estes termos variantes diatópicas, do Ceará, diastráticas, de classes menos escolarizadas, ou diafásicas, representando um estilo do autor ou de um grupo etário? Nossa opinião é de que temos os três tipos de variantes, que são realçados ou não, em cada momento, dependendo do contexto não só linguístico, mas, principalmente o extralinguístico em que ocorrem.

Esperamos que os resultados da Pesquisa do Atlas Linguístico do Brasil - AliB - Ceará, possam confirmar as afirmações que vêm sendo feitas, inclusive por nós mesmas, quanto a termos e expressões tidas como regionais do Estado do Ceará.

Referências

ALENCAR, Maria Silvana Militão de. *A linguagem regional popular na obra de Patativa do Assaré: aspectos fonéticos e lexicais*. Fortaleza: 1997. Dissertação (mestrado)-UFC.

ALMEIDA, Horácio de. *Dicionário popular paraibano*. Campina Grande: Grafset, 1984.

ARAGÃO, M. do Socorro Silva de. A variação diastrática do português do Brasil. II CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN. *Livro de Resumos*. Fortaleza: UFC/ABRALIN, 2001.

_____. Do baianês ao piauiês: a onda de dicionários regionais nordestinos. *Revista do GELNE*, v. 2, p. 53-59. Fortaleza: UFC, 2000.

_____. A variação fonético-lexical em Atlas lingüísticos do nordeste. *Revista do GELNE*, v. 2, p. 14-20. Fortaleza: UFC, 1999.

_____. *A linguagem regional-popular na obra de José Lins do Rego*. João Pessoa: FUNESC, 1990.

_____. O estudo da linguagem popular – Atlas Lingüístico da Paraíba. *BOLETIM DA ABRALIN*, v.4, p. 67-80. Recife: UFPE, 1983.

_____. *Bibliografia dialetal brasileira*. João Pessoa: UFPB, 1988.

_____. et al. *Glossário aumentado e comentado de a Bagaceira*. João Pessoa: A União, 1984.

BARBOSA, M. Aparecida. O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. I ENCONTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE ASSIS. *Anais*. Assis: UNESP, 1993.

BIDERMAN, M. Tereza. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de.; ISQUERDO, Aparecida N. (Orgs.) *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 133.

CABRAL, Tomé. *Dicionário de termos e expressões populares*. Fortaleza: UFC, 1982.

CARVALHO, Gilmar. *Patativa do Assaré*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.

CHAMBERS, J. K. ; TRUDGILL, A. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CLEROT, L.F.R. *Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba: Estudo de glotologia e semântica paraibana*. Rio de Janeiro: s.ed. 1959.

FERREIRA, A. Buarque de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

- FISHMAN, Josua A. *Sociolinguistique*. Paris: Nathan, 1971.
- GADELHA, Marcus. *Dicionário de cearês*. Fortaleza: Multigraf, 1999.
- GARCIA, Tarcísio. *Dicionário do cearês: as palavras, as expressões e como usá-las*. Fortaleza: Livro Técnico, 2000.
- GARMADI, Juliette. *Introdução à sociolinguística*. Lisboa: Dom Quixote, 1983.
- GIRÃO, Raimundo. *Vocabulário popular cearense*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUDSON, R.A. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- INÁCIO FILHO, José. *Vocabulário de termos populares do Ceará: etimologia e tradições*. Fortaleza: Livro Técnico, 2001.
- LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972, cap. 5.
- LACERDA, Josenira. *O linguajar cearense*. Fortaleza: Livro Técnico, 2001.
- MONTEIRO, José L. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MORALES, Humberto L. *Sociolingüística*. Madrid: Gredos, 1993.
- MOTA Leonardo. *Adagiário brasileiro*. Fortaleza: UFC, 1982.
- NONATO, Raimundo. *Calepino potiguar- gíria riograndense*. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1980.
- OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de. ; ISQUERDO, Aparecida N. (Orgs.) *As ciências do léxico – Lexilologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998.
- OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, Ana Maria P.P. de; ISQUERDO, Aparecida N. (Orgs.) *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 107-113.
- PAIVA, Oliveira. *Dona Guidinha do Poço*. Fortaleza: UFC, 1997.
- PEREIRA DA COSTA, F.A. Vocabulário pernambucano. *Revista do Instituto Archeológico, Histórico e Geográfico Pernambucano* - Separata do volume XXXIV. Recife: Imprensa Oficial, 1937.
- PEREIRA, Lúcia M. *História da literatura brasileira*. São Paulo:
- PISCIOTA, Harumi. O lexical nos eixos vertical e horizontal. In: AGUILERA, Vanderci (Org.) *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998, p. 243-249.
- PONTES, Carlos G. *Super dicionário de cearês*. Fortaleza: Livro Técnico, 2000.
- SARAIVA, Andréa. *Orélio cearense*. Fortaleza: Premium/Livro Técnico, 1998.
- SCARTON, G. ; MARQUARDT, L.L. O princípio da variação lingüística e suas implicações numa política para o idioma. *Boletim do Gabinete Português de Leitura*. Porto Alegre: (24):21-31, jun. 1981.
- SERAINÉ, Florival. *Dicionário de termos populares: registrados no Ceará*. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.
- WARDHAUGH, R. *An introduction to sociolinguistics*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1992, p. 46.